

# ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS

volume 18

Artes Rupestres II  
Actas da Mesa-Redonda



## Ficha técnica

*Título:* Actas da II Mesa-Redonda. Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história. Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários (Porto, Faculdade de Letras, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011)

*Coordenação:* Maria de Jesus Sanches e Domingos Cruz

*Design da capa:* A. Fernando Barbosa

*Maquetagem e paginação:* Tiago Gil

*Propriedade:* Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. Apartado 50 — 3501-908 Viseu. [cepba@sapo.pt](mailto:cepba@sapo.pt)

*Distribuição (edições em papel):*

Livraria Sousa e Almeida, Rua da Fábrica, 40-42 — 4050-245 Porto. [geral@sousaealmeida.com](mailto:geral@sousaealmeida.com)

Portico Librerías, Muñoz Seca, 6 — 50006 Zaragoza (Espanha). [portico@librerias.es](mailto:portico@librerias.es)

*ISBN:* 978-972-99352-7-5 | *Suporte:* electrónico | *Formato:* PDF

*Ilustração da capa:* “máscara” do Abrigo 15 A do Regato das Bouças, Serra de Passos (Mirandela)

**Estudos Pré-históricos** é uma publicação não periódica vocacionada para a divulgação de estudos e outros textos sobre o património arqueológico e a Pré-história do Centro de Portugal, em particular da região da Beira Interior. É seu objectivo contribuir para o conhecimento da ocupação pré-histórica do território, como também a divulgação e protecção do património arqueológico.

*Este volume dos Estudos Pré-históricos foi publicado, em formato digital, em Dezembro de 2016*

<http://estudospre-historicos.weebly.com>

CENTRO DE ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS DA BEIRA ALTA

# **ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS**

**VOL. XVIII**

**Actas da II Mesa-Redonda**

Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história:

Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários

*Rock Arts of Prehistory and Protohistory:*

*Study, Heritage Conservation and Musealization of Rock Art Massifs and Funerary Megalithic Monuments*

10, 11 e 12 de Novembro de 2011

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Maria de Jesus Sanches | Domingos Cruz

**Coordenação / Editors**

UISEU

2013

# ÍNDICE

Apresentação do volume	11
<i>About this publication</i>	
Domingos J. Cruz e Maria de Jesus Sanches	
Linhas programáticas da II Mesa Redonda “Artes Rupestres”	13
<i>Programmatic orientations of the second Roundtable "Rock Arts"</i>	
Maria de Jesus Sanches e Domingos J. Cruz	
Conservar: produzir passado	15
<i>Heritage conservation: the past producing</i>	
Susana Jorge	
Orientação das vertentes e conservação de arte rupestre: dados meteorológicos preliminares acerca do complexo de arte rupestre ao ar livre do Vale do Côa	19
<i>Slope aspect and rock art conservation: preliminary meteorological data regarding the open-air Coa Valley rock art complex</i>	
António Pedro Batarda Fernandes	
O Abrigo de Parada, um sítio de arte rupestre do Vale do Sabor (Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes)	41
<i>The Parada Rockshelter, a rock art site in the valley of Sabor (Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes)</i>	
Joana Castro Teixeira	
Escarpas rochosas e pinturas na Serra de Passos/ Sta Comba (Nordeste de Portugal)	71
<i>Rock Escarpments and its schematic paintings in Passos/Sta Comba Mountain (Northeast of Portugal)</i>	
Maria de Jesus Sanches, Pedro Rafael Morais, Joana Castro Teixeira	
Fraga da Pena. Architecture of a granitic tor in the 3rd millennium BC	119
<i>Fraga da Pena: arquitectura cosmológica de um maciço rochoso no final do 3º milénio AC</i>	
António Carlos Valera	
O abrigo da Foz do rio Tua-Alijó (Trás-os-Montes, Portugal). Identificação e estudo preliminar	131
<i>The Foz do Tua rockshelter (Alijó, Trás-os-Montes, Portugal). Archaeological identification and preliminary study</i>	
Joana Castro Teixeira, Joana Valdez, Maria de Jesus Sanches	

Conservação e valorização de monumentos megalíticos. Da inocência das soluções aos resultados efectivos	141
<i>Conservation and heritage enhancement of megalithic monuments. From the solution's innocence to the real results</i>	
Luís Filipe Coutinho Gomes, João Miguel André Perpétuo, Joaquim Garcia	
Patologia do granito: deteriorações, causas e curas	171
<i>Granite pathology: deteriorations, causes and treatments</i>	
Arlindo Begonha	
Resultados da primeira campanha de escavação na Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide — Centro-Leste de Portugal). Breve síntese	195
<i>Results of the first season of excavation at Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide — Central Eastern Portugal) – An overview</i>	
Sérgio Monteiro-Rodrigues	
O sítio e a Laje 1 do Castelinho (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo). Contributos para o conhecimento da II Idade do Ferro em Trás-os-Montes oriental	203
<i>The Castelinho archaeological site and its engraved slab number 1 (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo). Contributions to the knowledge of the second Iron Age in Eastern Trás-os-Montes.</i>	
Filipe João C. Santos, Eulália Pinheiro, Fábio Rocha, Jose Sastre	
Debates	219
<i>Discussion</i>	
Resumos de comunicações apresentadas e não publicadas	253
<i>Abstracts of unpublished communications</i>	
Guia da visita de estudo	263
<i>Field trip guide</i>	



## LINHAS PROGRAMÁTICAS DA II MESA REDONDA “ARTES RUPESTRES”

PROGRAMMATIC ORIENTATIONS OF THE SECOND ROUNDTABLE “ROCK ARTS”

*Maria de Jesus Sanches  
Domingos Cruz*

A necessidade da discussão das políticas e práticas, fundamentos e objectivos da conservação e musealização de sítios arqueológicos, neste caso aqueles que são entendidos como sítios/estações de ou com “arte rupestre” da Pré-história e da Proto-história, surgiu explicitamente e através de vozes diversas nos debates da I Mesa-Redonda, realizada no Museu do Côa em Novembro de 2010 (debates e textos publicados em “I Mesa-Redonda: Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo”, coord. de Maria de Jesus Sanches, *Trabalhos de Arqueologia*, 54, DGPC).

Foram escolhidos aqueles sítios que mais expressão têm em termos quantitativos e igualmente em termos de estudo arqueológico no espaço da Península Ibérica e, bem assim, no espaço europeu: os maciços rochosos gravados, pintados e/ou esculpidos ao ar livre (que se encontram afinal em quase todas as regiões antes habitadas do Globo), e os monumentos funerários e afins. A tipologia arquitectónica destes últimos é muito diversa, intentando nós aqui versar aqueles que incluem massas tumulares de tipo mamoa ou “cairn” e que se constituem, nos seus diferentes espaços e materiais rochosos utilizados, como dispositivos onde a arte gravada, pintada e/ou esculpida faz parte indissociável da definição do monumento como tal.

É frequente vir associado a estes termos de conservação e musealização, o de “preservação”, o que também se torna aceitável na medida que esta já não é entendida como uma ausência de qualquer intervenção — deixar tudo como está, como que “parado no tempo” ou sujeito à sua degradação dita corrente, ou normal —, desiderato dos primeiros movimentos ambientalistas, mas antes se refere a intervenções contextuais e paisagísticas de carácter conservativo, de preferência minimalistas, destinadas a minorar impactes/destruições de grande escala agora no património “cultural” — decorrente de grandes intervenções no território (obras públicas e privadas, incluindo a modernização das explorações agrícola e florestal, etc.) — e a prolongar a vida dos “objectos” e “paisagens”. Em última análise, poderíamos considerar a escavação arqueológica de maciços e monumentos ela própria como uma acção extremamente transformadora, criadora de uma descontinuidade marcante na vida daquele “objecto” devido à aceleração que acarreta no envelhecimento “normal” (degradação) dos sítios arqueológicos que, sabemos, estarão inexoravelmente destinados a desaparecer. O mesmo princípio se aplica ao estudo de superfícies gravadas e/ou pintadas, se tal envolver limpezas profundas e/ou alterações do ambiente circundante dos sítios. E, deste modo, decorre naturalmente do estudo a necessidade de intervenções de conservação, pelo menos em “monumentos” a que a sociedade civil, começando pelos arqueólogos, mas incluindo sempre outros profissionais, considerar de valor científico e patrimonial relevante.

Variadas iniciativas de conservação que vão das intervenções mais simples àquelas que incluem o restauro/ reposição, seguidas de musealização, particularmente nos monumentos funerários, tem seguido paradigmas e critérios diversos. Na conservação de superfícies gravadas e/ou pintadas, as experiências tem sido mais pontuais sendo de destacar o programa experimental levado a cabo pelo Parque Arqueológico

do Vale do Côa em 2004 e 2005, que criou situações de referência para aquele tipo de maciços de xisto e encetou intervenções conservativas em rochas não gravadas. Outras experiências de gestão dos sítios, mormente com o controlo do acesso indiscriminado do público, também têm tido os seus frutos positivos nuns casos e mais discutíveis noutros.

Não é nossa intenção enumerar aqui nestas linhas gerais os resultados de um conhecimento que alguns especialistas já atingiram, mas antes procurar mostrar nesta Mesa-Redonda os resultados obtidos e um saber feito de experiências concretas a um cada vez mais alargado número de intervenientes no estudo, conservação e musealização de sítios com arte rupestre. Se é certo que a monitorização posterior destes sítios tem contado com menos estudos publicados, a exposição de casos, a discussão pertinente dos métodos e objectivos técnicos e sociais/políticos em causa, bem como os resultados, carecem de um debate crítico (e até auto-crítico) que contribua para abrir caminhos a melhores e mais eficazes intervenções futuras.

Caberá aqui também a abordagem relativa à legislação nacional e internacional — onde destacamos o princípio da preservação pelo registo/estudo científico, ou a classificação dos bens patrimoniais em categorias claramente expressas na lei —, bem como outras que os intervenientes achem ser pertinente focar, como seja a sobrevalorização do estudo “total” pela escavação em detrimento da conservação física, material. Ou seja, é esta liberdade de abordagens que a presente Mesa-Redonda pretende incluir já que, na prática essa liberdade de actuações tem sido a marca das intervenções das últimas décadas.

Esta Mesa-Redonda não tem à partida, públicos-alvo bem definidos embora o facto de ser realizada numa Faculdade que tem cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento em Arqueologia, História da Arte e Museologia (esta sem licenciatura), bem como mestrado em Turismo e em História e Património, se dirija também a estes estudantes e seus docentes. Porém, este tema é tão transversal, e na sua génese, tão interdisciplinar, que procurará envolver na exposição e debate pessoas com vários saberes/conhecimentos, sem separação entre as denominadas Humanidades e Ciências/Tecnologias.

À semelhança da excelente experiência da I Mesa-Redonda, serão também aqui publicados os debates juntamente com os textos das comunicações ou pósteres.